
TERRITÓRIOS, CAPITAL SOCIAL E CIDADES CRIATIVAS: NOÇÕES E REFLEXÕES PARA ÁREAS RURAIS.

Magnus Emmendoerfer

Universidade Federal de Viçosa (UFV)
magnus@ufv.br

Gustavo Simão

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
gustavoleu@hotmail.com

Recibido: 29 de enero de 2022; Devuelto para correcciones: 24 de agosto de 2023; Aceptado: 16 de octubre de 2023

Territorios, capital social y ciudades creativas: nociones y reflexiones para las áreas rurales (Resumen)

Este estudio teórico analiza cómo las nociones de territorio y capital social contribuyen a la comprensión de la constitución de ciudades creativas y territorios rurales creativos. Parte de la premisa de que el desarrollo local está cada vez más alineado con los elementos culturales y la creatividad. En términos metodológicos, este estudio es un ensayo basado en fuentes predominantemente bibliográficas. Como resultado, al apropiarse de estas nociones, se observó que es posible identificar diferentes niveles de territorios creativos que pueden (co)existir en una ciudad o en un conglomerado de municipios, incluidos los rurales. Esto permite una comprensión más amplia del proceso de constitución de las ciudades creativas y del propio medio rural en este contexto, algo importante para las políticas públicas y la gestión social.

Palabras clave: creatividad; innovación; participación; gestión social; economía creativa

Territórios, capital social e cidades criativas: noções e reflexões para áreas rurais (Resumo)

Este estudo teórico analisa de que forma as noções de território e de capital social contribuem para a compreensão da constituição de cidades criativas e territórios rurais criativos. Parte-se da premissa de que o desenvolvimento local tem sido cada vez mais alinhado aos elementos culturais e a criatividade. Em termos metodológicos, este estudo é um ensaio com base em fontes predominantemente bibliográficas. Como resultados, ao se apropriar dessas noções, observou-se que é possível identificar níveis distintos de territórios criativos que podem (co)existir em uma cidade ou em um aglomerado de municípios, inclusive rurais. Isso permite uma compreensão mais ampla do processo de constituição de cidades criativas e da própria área rural neste contexto, algo importante para políticas públicas e gestão social.

Palavras-chave: criatividade; inovação; participação; gestão social; economia criativa.

Territories, social capital and creative cities: notions and reflections for rural areas.

(Abstract)

This essay examines how notions of territory and social capital contribute to the understanding of the formation of creative cities. We start from the premise that local development has been increasingly aligned with cultural elements and creativity. As a result, by appropriating the notions of territory and social capital, we noted that it is possible to identify different levels of creative territories that can coexist in a city or in a cluster of municipalities. This allows a broader understanding of the establishment process of creative cities and the rural areas in this context, something important for public policies and social management.

Key words: creativity; innovation; participation; social management; creative economy

Nos últimos anos a noção de desenvolvimento local tem passado por um novo marco norteador, associando-se mais a noção de desenvolvimento territorial, devido as crescentes ações implementadas pelo Estado a partir de programas e políticas públicas, bem como de ações emergentes da sociedade civil organizada¹. No entanto, pouco conhecimento tem sido sistematizado acerca do que vem a ser um território e de quais perspectivas a noção territorial se aproxima, notavelmente, na explicação do porque as políticas públicas territoriais ora são eficazes e ora sequer conseguem modificar o *status quo* da comunidade local.

Diante dessa lacuna conceitual, o presente trabalho tem o propósito, a partir de uma exposição reflexiva, instigar o debate acerca da apropriação das noções de cidades criativas e de capital social para compreensão de territórios rurais criativos, objeto de estudo ainda incipiente e periférico em políticas públicas de desenvolvimento². Parte-se da premissa de que o arranjo institucional-cultural local é fator determinante para eficácia dos programas e políticas públicas voltadas ao desenvolvimento local cujo foco se concentre na perspectiva territorial. Tal análise pode ser útil como marco norteador a futuras pesquisas empíricas, dada a importância e inovação das questões aqui apresentadas.

A despeito da pluralidade de noções sobre cidade criativa³, para fins deste estudo ela será entendida como um lugar onde há reconhecimento territorial dos recursos culturais autóctones, capazes de proporcionar a existência e manutenção de um ecossistema criativo, em articulação com desenvolvimento sustentável, políticas públicas, participação cidadã, e existência de incentivos à criatividade⁴. Este entendimento contemporâneo revela um avanço conceitual que considera as possibilidades da biodiversidade, da ruralidade e das múltiplas dimensões da sustentabilidade. Logo, é uma noção mais substantiva daquela fundada por Landry e Bianchini na década de 90, a qual era centrada na urbanidade⁵ tendo influenciado programas de outros países e organismos internacionais como a *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* - UNESCO⁶ desde 2004.

¹ Abramovay, 2006; Dallabrida, 2020.

² Emmendoerfer, Fioravante e Araújo, 2018.

³ Pratt, 2008.

⁴ Emmendoerfer, 2019; Emmendoerfer e Fioravante, 2021.

⁵ Landry e Bianchini, 1995; Landry, 2013.

⁶ Unesco, 2017.

Por isso que este estudo teórico pretende analisar de que forma as noções de cidades criativas podem ser ampliadas para as recentes discussões acerca da questão territorial. Busca-se responder questionamentos e provocações contemporâneas⁷ como: sob quais perspectivas a noção de cidades criativas pode ser expandida para inclusão dos territórios rurais? De que forma a noção de capital social local contribui com a compreensão dos territórios criativos? Parte-se da premissa de que o desenvolvimento local tem sido cada vez mais alinhado aos elementos culturais e a criatividade, o que é diretamente influenciado pelas redes de relacionamento, participação cívica e comunitária. Todavia, o tema cultura e criatividade não é um debate novo no Brasil. O economista Celso Furtado, desde os anos 70 já defendia um desenvolvimento desconcentrado, fundamentado na diversidade cultural e criativa do povo brasileiro. Em suas reflexões sobre cultura, desenvolvimento e criatividade ele procurou fomentar os processos criativos brasileiros como estratégia de superação do subdesenvolvimento. Para isso, foram lançadas iniciativas e políticas para assegurar o desenvolvimento que se traduzisse em enriquecimento da cultura em todas as suas dimensões, e que permitam assim, colaborar para a criatividade própria tendo como desejo, o de preservar a própria identidade⁸.

Neste sentido, a noção de território como espaço de reconhecimento das características sociogeográficas historicamente construídas tem emergido como um importante elemento de incentivo ao crescimento econômico, notavelmente naquelas regiões com baixos níveis industriais, onde a concentração de talentos e atividades criativas são mais exigidas⁹.

Assim sendo, intenta-se expandir a noção de cidades criativas ao contexto territorial, haja vista, que esta tem sido cada vez mais objeto de discussões nas ações públicas contemporâneas. Para fins desta pesquisa buscar-se-á revelar novos potenciais de uso e de alcances explicativos dos fenômenos coletivos criativos que acontecem nos espaços rurais, no interior das cidades e para além delas, por meio da apropriação das discussões de territórios e capital social.

Com essas premissas o presente estudo teórico, em termos metodológicos, é do tipo ensaístico, tendo, portanto, suas bases analíticas essencialmente extraídas em trabalhos bibliográficos já elaborados e indicados nas referências ao final deste artigo. A pesquisa bibliográfica levanta o conhecimento disponível na área, identificando as teorias produzidas, para uma posterior reflexão e avaliação de sua contribuição à problemática em investigação¹⁰. Assim, o estudo¹¹ permite “a tentativa de compreender o fenômeno para conhecer o objeto¹², assim como permite analisar o próprio fenômeno para modificar a compreensão do objeto”¹³. Conforme se observa é pela indução teórica que se delimita os futuros caminhos de trabalhos empíricos, inclusive no campo dos territórios rurais criativos, objeto ora incipiente na literatura especializada.

É principalmente a partir da investigação bibliográfica que se desenvolvem todos tipos de pesquisa, ou seja, a pesquisa de cunho bibliográfica seria o condão inicial para a instigação de

⁷ Duxbury, 2021.

⁸ Furtado, 1974; 1978; 1984; 1998.

⁹ Fioravante e Emmendoerfer, 2019.

¹⁰ Köche, 2008.

¹¹ Teórico.

¹² De análise.

¹³ Meneghetti, 2011:324.

novos processos científicos. Assim, é a partir de uma confrontação de ideias do campo teórico que surgem as inquietações aos estudos empíricos. Para isso, este trabalho se encontra dividido em três tópicos principais, além da introdução e da conclusão. Inicialmente faz-se uma contextualização do que vem a ser o conceito de território e quais seriam seus níveis de análise. No segundo momento discorre-se acerca das noções de cidades criativas e de territórios rurais criativos, seu surgimento e conceituação, nesse mesmo momento são elencadas as suas características distintivas. Posteriormente apresenta-se os fatores característicos e a influência local da noção de capital social. Por fim, como ponto alto da análise teórica, mediante as justificativas analíticas anteriores, expõe-se os fatores que justificam o emprego dos fatores característicos das cidades criativas à noção dos territórios rurais criativos, e mais ainda, da influência exercida pelo capital social nesse contexto.

Territórios: conceito e níveis de análise

As raízes e os comportamentos sociais compartilhados num dado espaço geográfico prescindem cada vez mais no contexto das discussões relacionadas ao desenvolvimento social e econômico, e a noção de território como entendimento do processo histórico de estruturação espacial, cultural e social caminha junto a este cenário.

Um território compreende um constructo social historicamente construído, e justamente diante dessa construção temporal, estão presentes em seu escopo um tecido social dotado de recursos, modos de vida e uma rede de instituições e formas de organização que proporcionam certa coesão social ¹⁴.

Há quatro vertentes para o entendimento de território¹⁵, quais sejam: política, cultural, econômica e naturalista. No contexto político, o território estaria relacionado a um espaço delimitado e controlado pelas relações de poder, o que é geralmente exercido pelo Estado. Resta destacar que sob este enfoque o Estado objetiva organizar o território com determinada finalidade. Quanto a vertente cultural, a noção de território estaria relacionada a um produto oriundo da apropriação e valorização simbólica de um determinado grupo, principalmente em relação ao espaço vivido. Diante desse sentimento de pertencimento, tal grupo passaria a valorizar o espaço local a partir de significados tanto individuais quanto sociais. No tocante a vertente econômica, a noção de território existe enquanto dimensão espacial nas relações econômicas, passando a existir quando consiste em fonte de recursos e/ou incorporado ao debate entre classes sociais e na relação capital/trabalho. A última, a visão naturalista tem como pressuposto o conceito de território como base do entendimento entre as relações relativas à sociedade e a natureza, seja entre o homem e o ambiente físico ou da comparação do homem e dos animais para exercerem a territorialidade.

Todavia há uma perspectiva integradora¹⁶, sendo que nesse contexto o território é tido como a soma de todas as visões supramencionadas¹⁷, surgindo, portanto, de forma articulada, conectada e integrada a outros territórios.

¹⁴ Sepúlveda, 2008.

¹⁵ Haesbaert, 2004.

¹⁶ Haesbaert, 2004.

¹⁷ Política, econômica, cultural e naturalista.

O território rural pode ser entendido como uma área geográfica que pode abranger variedade de populações¹⁸, e de atividades produtivas, onde aspectos socioculturais historicamente estabelecidos na vida do campo são valorizadas e são relativamente conciliados com as paisagens naturais, reservas naturais, áreas de conservação e características geográficas que contribuem para sua identidade¹⁹. Vale lembrar que um território agrícola pode ser um território rural, mas normalmente se difere desta noção quanto focaliza-se na produção de alimentos, cultivos e criação de animais, de maneira extensiva²⁰ e intensiva^{21 22}.

Ressalta-se ainda que o território rural pode assumir “diversas escalas, formas e manifestações, desde pequenos territórios²³ até um território-rede de uma multinacional que possui suas ramificações em vários países”²⁴. Somado a isso, destaca-se que há atividades que se desenvolvem no espaço planetário, como a especulação financeira, a especulação com *commodities*, a comunicação, e produtos globais, como o carro, o computador e outros. Mas, ao mesmo tempo, se reforça o chamado espaço local, que é onde as pessoas podem se conhecer, se reunir, colaborar, e desenvolver o poder local. Esse último território é o da cidade, com o seu entorno rural. Cada vez mais esses espaços estão adquirindo identidade, buscando a qualidade de vida, políticas integradas. Não significa isolamento, pois o local, com as novas tecnologias, pode ser intensamente articulado com outros níveis de divisão territorial²⁵.

Como consequência, pode-se afirmar que o contexto urbano e suas regiões rurais cada vez mais com suas interações podem consolidar um único território, na medida em que adquirem uma identidade própria que, inclusive, pode ser intercambiada com outros contextos, ou vários territórios na medida da existência de distintas identidades nesse contexto. Esse processo sinérgico da criação de uma identidade local, que é compartilhada pelos membros, acaba por configurar a existência de uma rede de conexões marcada pela confiança, solidariedade e reciprocidade. Tal configuração é produtiva tanto no sentido econômico quanto social. E como isso se apresenta no contexto da economia criativa e das cidades criativas? Neste sentido, é importante compreender este contexto na próxima seção.

Cidades Criativas e espaço rural: noção e dimensões constitutivas

A base local é onde são as pessoas compartilham características que geram, como mencionado na seção anterior, benefícios sociais e econômicos. Notavelmente ligada às tendências econômicas relacionadas à valorização dos aspectos culturais que determinadas localidades possuem faz surgir o conceito de economia criativa, aqui tratada como “bens e serviços baseados em textos, símbolos e imagens e refere-se ao conjunto distinto de atividades assentadas na criatividade, no talento ou na habilidade individual, cujos produtos incorporam propriedade

¹⁸ Comunidades tradicionais, trabalhadores sazonais, moradores urbanos que buscam bem-estar no campo etc.

¹⁹ Veiga, 2002.

²⁰ Grandes áreas geográficas.

²¹ Eficiência das atividades produtivas.

²² Kageyama, 2008.

²³ Um bairro em uma cidade ou uma vila rural.

²⁴ Schneider e Tartaruga, 2004:106.

²⁵ Dowbor, 2016.

intelectual e abarcam do artesanato tradicional às complexas cadeias produtivas das indústrias culturais”²⁶.

Contudo, a ideia de economia criativa vai além da simples questão comercial, ela incorpora tudo o que diz respeito a atividades criativas, inclusive, e principalmente, àquelas relacionadas ao desenvolvimento mediante a participação, a externalização da identidade local, da memória e do processo criativo voltado à resolução dos problemas da comunidade²⁷. Por isso a evocação de que as cidades “necessitam ser criativas para trabalhar com mercados, comércios e centros de produção, com a sua massa crítica de empresários, artistas, intelectuais, estudantes, administradores, etc. Elas têm sido quase sempre os lugares onde raças e culturas se misturam e onde essa interação cria novas ideias, artefatos e instituições. Sendo também o lugar que permite as pessoas o espaço adequado para viver suas ideias, necessidades, aspirações, sonhos, projetos, conflitos, memórias, paixões, obsessões e medos”²⁸.

A partir dessa noção de cidades criativas, organismos internacionais como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura²⁹ tem fomentado em escala global o reconhecimento de cidades como criativas a partir de vocações autóctones. As cidades designadas pela UNESCO como criativas desde 2004 tem como missão em comum: o fomento e a promoção de um ambiente de estímulo às indústrias culturais e criativas como estratégias para transformar as cidades em locais mais inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis. Desde 2017, essa missão das Cidades Criativas da UNESCO foi alinhada à Agenda Global 2030 para o Desenvolvimento Sustentável busca melhorar a vida das pessoas priorizando ações globais para resultados locais, apontando objetivos para o futuro sustentável dos países, das regiões e principalmente das famílias mais vulneráveis em termos socioeconômicos³⁰.

Uma cidade criativa pode se manifestar em diferentes escalas, haja vista, que sua essência é formada nas pessoas que a compõem. Além disso, as cidades criativas teriam em comum três elementos principais que induzem a economia criativa, quais sejam: inovações, conexões e cultura³¹.

No tocante a dimensão inovação, esta abarcaria as ações empreendidas na solução de possíveis problemas ou mesmo na antecipação destes. As conexões estariam presentes nos mais variados contextos e aspectos, desde a perspectiva histórica ligando³² bairros, ruas e vilas, na governança, com a tríade governo, setor privado e sociedade, na diversidade e por fim no contexto global/local. Como se observa todas as noções relativas às dimensões que caracterizam as cidades criativas remetem a aspectos inerentes a identidade dessas regiões. Contudo, muito além da cidade e de sua urbanidade, se faz necessário compreender o conteúdo, o modo de vida do rural, pois a tônica está centrada nas cidades criativas, porém muitas vezes fica restrito ao urbano e as grandes cidades. Assim, onde ficam os territórios criativos? E aqueles do espaço rural?

²⁶ Miguez, 2007: 96-97.

²⁷ Yúdice, 2007.

²⁸ Landry e Bianchini, 1995:17.

²⁹ United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization - UNESCO.

³⁰ Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, UNESCO, 2017.

³¹ Reis e Urani, 2011

³² O passado ao futuro, a questão geográfica.

Muito dessa carência de estudos sobre o rural criativo é resultado de uma visão do rural como lugar de atraso, de passado, de sofrido que foi cultivada durante algum tempo, nesta perspectiva o urbano era visto sempre como o lugar do futuro e da inovação.

Porém, é perceptível que no decorrer do tempo têm ocorrido mudanças em todos os âmbitos do meio rural e a criatividade vista como mola propulsora das articulações entre as pessoas que aí vivem mostra que é preciso um olhar atento às manifestações da cultura bem como as conexões que estão ocorrendo inclusive com o meio urbano e assim gerando inovação e fortalecendo os laços sociais entre os que participam efetivamente desses círculos.

Diante disso, um conceito que seria passível de agrupar todas as dimensões de cidades criativas e territórios rurais numa só definição seria a noção de capital social³³. A conceituação e emprego do termo tem se expandido rapidamente nos últimos anos, justamente por tentar explicar as instituições, relações, valores e atitudes compartilhados por determinada sociedade. Tal explicação tem sido fundamentada em três tipos de capital social³⁴:

- *Bonding*³⁵ – emerge dentro de grupos homogêneos ou estabelecidos a partir de uma união, como familiares, amigos próximos e indivíduos com origens, interesses ou identidades semelhantes. Essas conexões promovem um sentimento de pertencimento, confiança e reciprocidade entre os membros do grupo, o que é importante para fornecer apoio emocional, manter as normas sociais e facilitar a cooperação dentro do grupo.
- *Bridging*³⁶ – abrange diversos grupos sociais e unem pessoas de diferentes origens. Estas ligações facilitam as interações entre pessoas de diferentes níveis socioeconômicos, etnias, culturas e outros fatores demográficos. Este tipo de capital social contribui para a criação de uma rede social mais inclusiva e diversificada. Pode promover a troca de informações, recursos e ideias entre diferentes grupos, promovendo a coesão social e um sentido mais amplo de comunidade.
- *Linking*³⁷ – refere-se às relações e conexões que indivíduos ou grupos têm com entidades externas, instituições ou indivíduos em posições de poder ou autoridade. Essas conexões fornecem acesso a recursos, oportunidades e informações que podem não estar disponíveis no círculo social imediato de alguém. A ligação como tipo de capital social pode ser decisiva para que indivíduos e comunidades tenham acesso a serviços públicos, obtenham representação política e influenciem os processos de tomada de decisão.

Logo, os tipos de capital social (união, ponte e ligação) são altamente relevantes para a perenidades e manutenção da reputação das Cidades Criativas. Estas cidades dependem de fortes redes internas (união), interações entre diversos grupos (pontes) e articulações com instituições e entidades externas (ligações) para promover a criatividade, a inovação e o

³³ Putnam, 2000; 2006.

³⁴ Lin, 2002; Passey e Lyons, 2006.

³⁵ União.

³⁶ Ponte.

³⁷ Ligação.

desenvolvimento cultural. Equilibrar esses tipos de capital social pode contribuir para a vitalidade e a sustentabilidade das Cidades Criativas.

Assim, a noção de capital social tem sido recorrentemente utilizada como meio de explicar a relevância das questões relativas às conexões sociais e as formas de sociabilidade as quais os interesses pessoais e coletivos se imbricam em determinadas localidades³⁸. É desse contexto que se observa os fatores específicos da intervenção do espaço local no comportamento e na forma de vida das pessoas. Assim, “mais importante que vantagens competitivas dadas por atributos naturais, de localização ou setoriais é o fenômeno da proximidade social que permite uma forma de coordenação entre os atores capaz de valorizar o conjunto do ambiente em que atuam e, portanto, de convertê-lo em base para empreendimentos inovadores”³⁹. Tal aproximação indica redes de sociabilidade entre os atores - organizacionais e pessoas.

Essas relações sociais compostas pelas redes e conexões de confiança entre os moradores de determinada localidade perfazem o chamado capital social local. O capital social cria um ambiente institucional que proporciona a comunidade local, ou ao território, as condições necessárias que facilita e melhora a eficiência da sociedade⁴⁰.

Levando-se em consideração que um determinado território é resultante de um construto social, fruto de um longo processo que paulatinamente enraíza-se em determinado espaço geográfico e acaba por criar um compartilhamento de uma identidade cultural, ou modo de vida, há uma clara associação com a noção de capital social tida como as normas e redes que facilitam a ação coletiva em determinadas localidades⁴¹. Observa-se, portanto, que o capital social seria como que o elo entre a identidade social criada em um determinado espaço territorial. Além disso, o capital social atuaria como inibidor de comportamentos oportunistas e transgressões às normas sociais.

Como já dito anteriormente, a noção territorial pode assumir distintas escalas, pode atuar tanto no nível de bairros até no contexto de nações inteiras. Daí decorre que quanto maior e mais densas forem as relações de comprometimento e de identidade compartilhadas, aliada ao maior número possível de pessoas que participem desse contexto social, maior será o volume de capital social existente⁴². Dessa forma, o capital social poderia ser o elo de representação daqueles elementos ou dimensões das cidades criativas – cultura, inovações e conexões⁴³.

Se a noção territorial está estreitamente relacionada ao capital social, e, conforme acima mencionado, o capital social é o elemento que pode concentrar as dimensões caracterizadoras da noção de cidades criativas, pode-se, ampliar a compreensão do processo de constituição e definição de cidades criativas para territórios criativos que contemplaria o espaço rural. Isso é possível, uma vez que a noção de território está intimamente ligada aos preceitos relativos à noção de capital social, haja vista que ele atua como a base institucional⁴⁴, garantidora das características compartilhadas no contexto territorial.

³⁸ Lima, 2001.

³⁹ Abramovay, 2000:2.

⁴⁰ Santos, 2003.

⁴¹ Woolcock, 1998.

⁴² Putnam, 2006.

⁴³ Reis e Urani, 2011.

⁴⁴ Confiabilidade, redes, conexões, etc.

Assim, somente a partir da tipificação das ações tomadas como habituais pelos atores locais é que se emergirá a construção social local, base de sustentação do contexto territorial. Assim, a mobilização dos atores leva à construção de uma estratégia de adaptação aos limites externos, baseada em uma identificação coletiva⁴⁵, o que possibilita que, para fins desta pesquisa, um território seja distinto do outro por meio da economia criativa.

A economia criativa no Brasil é representada por campos que congregam organizações de setores produtivos afins, definidos a partir de um projeto de desenvolvimento chamado Plano Brasil Criativo⁴⁶, cuja teoria e métodos emergiram de ações governamentais para esta finalidade, principalmente, no período de 2011 a 2014, o qual tem servido de orientação governos subnacionais, organizações públicas e privadas para a geração de bens e serviços criativos⁴⁷. A partir disso, surge uma abordagem ampliada⁴⁸, expressa de forma ilustrada por meio da Figura 1, que apesar de não estar institucionalizada, representa a diversidade de setores produtivos que compõem a economia criativa brasileira.



Figura 1. Setores criativos da economia criativa no Brasil

Fonte: Acco, 2016: 162.

Esses setores estão inclusos na economia criativa porque em suas práticas, os indivíduos em suas ocupações possuem a criatividade como base do processo produtivo de seus serviços que são imbricados de dimensão simbólica, cujo valor é agregado pelos consumidores, ao contrário de outras formas de negócios no mercado que embutem em seus produtos, elementos chave como preferências, estilos de vida, status, padrões de consumo, e outras. Assim, os bens e serviços

⁴⁵ Pecqueur, 2006.

⁴⁶ Leitão e Machado, 2016.

⁴⁷ Emmendoerfer, Fioravante, Araújo e Fraga, 2017.

⁴⁸ Acco, 2016.

advindos de setores produtivos da economia criativa não são valorizados pela sua utilidade prática, por sua materialidade, como os bens produzidos pelas indústrias e organizações tradicionais, mas sim pela interpretação subjetiva de um significado por parte do consumidor em territórios distintos⁴⁹.

Neste sentido, é adequado analisar um território criativo como um território construído, algo resultante de um processo de formação adotado pelos atores e, nesse sentido, torna-se peculiar, único, pois possui características próprias⁵⁰. E dentre os campos da economia criativa para o desenvolvimento territorial, os das expressões culturais e das artes do espetáculo são os mais perceptíveis, mas não únicos, em espaços rurais. Mas, o que seriam territórios criativos?

Territórios Criativos: níveis, dimensões constitutivas e possibilidades para rural

Ações estatais coordenadas pelo governo federal no Brasil foram executadas para definir territórios criativos, o que foi algo diferenciado de outros países, mas com uma proposta de integração e cooperação supranacional, de intercâmbios culturais e comércio exterior com países da Comunidade de Países de Língua Portuguesa^{51 52}. Segundo o Ministério da Cultura, territórios criativos são “bairros, cidades ou regiões que apresentam potenciais culturais criativos capazes de promover o desenvolvimento integral e sustentável, aliando preservação e promoção de seus valores culturais e ambientais”⁵³. Tal promoção seria por meio da geração de bens e serviços, bem como de emprego e renda nos campos e setores produtivos indicados na Figura 1 anteriormente.

Portanto, territórios criativos podem abranger diversas territorialidades⁵⁴, que podem ser trabalhados de forma sustentável para o turismo a partir de “espaços multi-escalares, construídos a partir de um processo formativo adotado por um grupo de pessoas em um período de tempo, que buscam ofertar produtos culturais autênticos e singulares, resultantes de ações criativas e dinamizadoras, que são atrativos e valorizados principalmente pela interpretação subjetiva de um significado (co)criado pelos habitantes e por viajantes que experienciam esses produtos nesses espaços”⁵⁵.

Assim, a noção de territórios criativos revela-se como um elemento constitutivo das cidades que buscam ser criativas, permitindo que uma determinada atividade ou setor criativo não gere sombreamento das demais, em virtude da publicidade e propaganda que será realizada para diferenciar uma determinada cidade como criativa. E isso pode ser intensificado ou harmonizado por meio do planejamento e promoção turística. Portanto, coaduna-se com a noção de territórios criativos, em que toda cidade pode ser um território criativo, mas nem todo território criativo é necessariamente uma cidade criativa⁵⁶.

⁴⁹ Emmendoerfer e Martins, 2013.

⁵⁰ Pecqueur, 2006.

⁵¹ CPLP.

⁵² Emmendoerfer, Fioravante e Araújo, 2018.

⁵³ Ministério da Cultura, Brasil, 2013.

⁵⁴ Muller, Héraud e Zenker, 2013.

⁵⁵ Emmendoerfer, 2019:154.

⁵⁶ Emmendoerfer e Ashton, 2014.

Neste sentido, é pertinente considerar diversas escalas, mais abrangentes e diversificadas em espaços urbanos e rurais, na perspectiva da abordagem ampliada⁵⁷, apresentada na Figura 1 já exposta, aliando a noção de capital social como categoria analítica. O que se propõem nesta incursão teórica é que pode haver uma compreensão mais ampla do processo de cidades criativas a partir da conceituação de territórios criativos, somando-se a isso o fato de que o conceito de capital social abarcaria todas as dimensões caracterizadoras desse espaço, conforme evidencia a Figura 2.

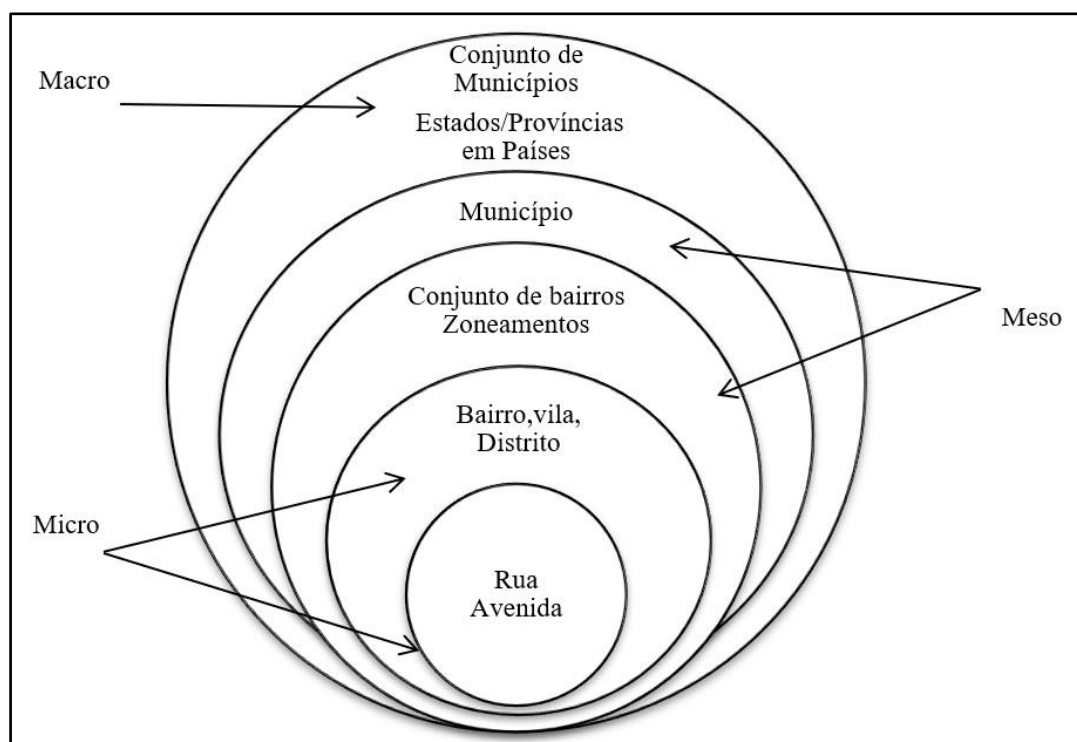


Figura 2. Níveis de territórios e as diferentes manifestações de capital social
Fonte: Emmendoerfer e Ashton, 2014:464.

A Figura 2 ilustra a existência de três níveis principais de territórios, o que não quer dizer que não existam outros. Desse modo, em cada um dos níveis⁵⁸, haveria diferentes manifestações de capital social. Com referência as diferentes manifestações de capital social, elucidando a concepção do conceito adotada pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico⁵⁹, entende-se que o capital social pode se manifestar de diferentes maneiras dependendo do contexto em que se encontra - local, regional e nacional⁶⁰. De toda sorte, as dimensões constituidoras desses territórios criativos não seriam afetadas, apenas passariam a figurar de maneiras distintas. No contexto microlocal o capital social atuaria e seria criado a partir das relações mais próximas de convivência, tais como as relações de vizinhança e familiaridade. Aqui a união⁶¹ enquanto tipo de capital social pode ser visto nas fortes relações e redes que

⁵⁷ Acco, 2016.

⁵⁸ Micro, meso e macro.

⁵⁹ OCDE.

⁶⁰ Franke, 2005.

⁶¹ Bonding.

existem nas comunidades criativas e culturais. Artistas, designers, escritores e outros profissionais criativos muitas vezes formam grupos unidos onde a confiança, os valores partilhados e os esforços colaborativos prosperam. Estas fortes redes internas podem promover a criatividade e a inovação, proporcionando apoio emocional, feedback e oportunidades de partilha de competências.

Nesse sentido, o processo criativo em territórios microlocais estaria fortemente ligado às conexões, a cultura e ao processo de inovação partilhado entre vizinhos e familiares. A esse respeito, nas localidades onde há uma forte interação entre vizinhos tende-se a emergir laços sociais com fortes tendências à promoção de recursos ⁶².

De maneira elucidativa, pode-se mencionar o primeiro caso que pode ser considerado como território criativo, ora de base urbana, o caso do SoHo em Nova Iorque, nos Estados Unidos. O SoHo é um bairro localizado na ilha de Manhattan conhecido pela existência de galerias de arte, lojas de roupas da moda nacional e internacional cujo reconhecimento leva àquela localidade compradores de diversas partes dos Estados Unidos e do mundo. Contudo, é um projeto de base criativa que se tornou elitizado, contribuindo com o fenómeno da gentrificação ⁶³ e de efeitos indesejados como exclusão e desigualdades socioeconômicas. Risco possível de ocorrer também em territórios rurais, mas que poderiam ser minimizados se houver participação social das comunidades locais ⁶⁴ nos empreendimentos criativos, como ocorre em fazendas que cultivam e beneficiam o café com ancestralidade, articulando tradição e tecnologia, a título de ilustração, a fazenda Barinas na região do Cerrado de Minas Gerais, Brasil ⁶⁵.

No nível meso, os territórios criativos estariam compreendidos no conjunto de bairros que formariam as mesorregiões dentro de cidades ⁶⁶ e também nos zoneamentos urbano/rural no âmbito municipal. Nesse contexto estariam as redes geograficamente distribuídas que atuariam na produção de recursos, tais como as informações e o suporte aos membros nela localizados. Como exemplo, no ano de 2011 a SPTuris ⁶⁷ lançou uma campanha na qual atribui o título de cidade criativa ao município de São Paulo, principalmente por abrigar bairros tradicionais e megaeventos como a Virada Cultural e o São Paulo *Fashion Week*, semelhante a ações culturais realizadas na cidade de Berlim na Alemanha, também considerada criativa pelos seus setores criativos ⁶⁸.

Sob uma perspectiva rural, em pequenas cidades do interior do Brasil, normalmente em espaços públicos, existem ainda festividades tradicionais culturais que valorizam saberes populares e estimulam fluxos de pessoas, viajantes e descendentes daquela localidade a retornarem ao território rural para interagir com bens e serviços produzidos principalmente pela comunidade local, os quais podem ⁶⁹ inseridos na Economia Criativa, como o festival de Piacatuba,

⁶² Grootaert e Bastelaer, 2001.

⁶³ Smith, 1996.

⁶⁴ Inclusive tradicionais como indígenas.

⁶⁵ Cf. Cafés especiais. *Tô Indo - edição na íntegra*. Belo Horizonte: Globo Minas, 6 de dezembro, 2020. Programa de TV. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9079586/?s=0s>. Acesso em: 29 jan.2022.

⁶⁶ Zona Sul, Noroeste, etc.

⁶⁷ Autarquia na área de turismo da Prefeitura Municipal de São Paulo.

⁶⁸ Hesse e Lange, 2013.

⁶⁹ Ou já estão.

em Minas Gerais, Brasil⁷⁰. Neste nível territorial, a ponte⁷¹ como tipo de capital social é particularmente relevante para o sucesso das cidades criativas. Estas cidades reúnem frequentemente pessoas de diversas origens e indústrias, promovendo interações entre artistas, empreendedores, tecnólogos e muito mais. As intersecções destes diversos grupos podem levar à colaboração interdisciplinar, à troca de ideias e ao surgimento de novas inovações. Estabelecer uma ponte entre o capital social ajuda a criar um ambiente onde diferentes perspectivas e competências podem unir-se para impulsionar a criatividade e o crescimento econômico.

No contexto macro, haveria uma generalização das características intrínsecas do processo criativo. Assim, o capital social tenderia a favorecer o processo criativo em áreas metropolitanas, nos estados da federação e mesmo em países. Isso aconteceria a partir da existência de redes de engajamento cívico fomentadas por robustas normas de reciprocidade generalizada que encorajaria a emergência da confiança social facilitando a coordenação e a comunicação⁷². Assim, a ligação⁷³ como tipo de capital social tende a ser mais expressivo, pois o mesmo é importante para que os territórios criativos e as cidades criativas se conectem com entidades externas que possam apoiar os seus esforços e setores produtivos criativos. Isto pode envolver o estabelecimento de parcerias com universidades, instituições de investigação, agências governamentais e empresas privadas. Este tipo de capital social permite às Cidades Criativas aceder a recursos, financiamento, conhecimentos e oportunidades para além das suas redes imediatas. Também lhes permite participar em redes culturais e econômicas mais amplas às escalas regional, nacional e global.

Observa-se que as ilustrações e exemplificações utilizadas neste estudo são, em sua maioria, predominantemente oriundas de espaços rurais, não pela inexistência, mas sim pela não observância de agentes públicos e privados de que o rural possa ser tratado como um importante espaço e opção para o desenvolvimento territorial pautado na criatividade.

Assim, será possível desenvolver territórios criativos a partir da potencialização das vocações histórico-culturais, resultantes do capital social ali constituído em espaços urbanos e rurais da Região Norte do Brasil em municípios, a título de ilustração como: atividades de artesanato no Jalapão em Tocantins⁷⁴, em Itacoaraci no Pará⁷⁵ dentre outros cultivos e bens (i)materiais gerados pelas pessoas, como as receitas, principalmente, os pratos típicos de diferentes cidades e zonas rurais brasileiras⁷⁶, onde a gastronomia pode ser um dos diferenciais da economia criativa, para além das cidades chanceladas pela UNESCO⁷⁷.

Contudo, isso pode também não se restringir a regiões historicamente menos atendidas por ações governamentais como as do Norte e do Nordeste brasileiro, podendo abranger zonas de fronteiras entre países, tendo como base os bens e serviços culturais divulgados por meio de Mapas Culturais, considerados mundialmente⁷⁸ como relevantes instrumentos para promoção e

⁷⁰ Gomes, 2015.

⁷¹ *Bridging*.

⁷² Putnam, 2006.

⁷³ *Linking*.

⁷⁴ Capim dourado.

⁷⁵ Cerâmica marajoara.

⁷⁶ Gomes, 2015.

⁷⁷ Ashton, Emmendoerfer e Emmendoerfer, 2018.

⁷⁸ Porém com predominância nas sociedades ocidentais.

desenvolvimento da economia criativa⁷⁹. No Brasil, existe os Mapas Culturais que inclui a área da economia criativa⁸⁰, por meio da plataforma de software livre desenvolvido em parceria público-privada (Instituto Tim), fomentado pelo Ministério do Turismo do Governo Federal no Brasil. Esta plataforma é considerada o principal sistema aberto de informações culturais e da economia criativa que tem sido utilizado de forma colaborativa por *stakeholders* no setor criativo⁸¹, sendo útil para gestores de políticas públicas de economia criativa, especialmente em áreas rurais.

Considerações finais

A partir de uma realidade pouco teorizada sobre territórios rurais criativos, este estudo analítico busca propiciar uma contribuição teórica à produção de conhecimento sobre dois campos que vem ganhando cada vez mais espaço nas discussões relativas ao processo de desenvolvimento. A questão da criatividade como campo gerador de valor econômico e social. E a questão dos territórios, compreendido como aqueles espaços que representam uma identidade compartilhada.

O estudo apresenta uma contribuição conceitual e analítica para uma nova compreensão das dimensões constitutivas de espaços criativos, na qual expande as categorias das cidades criativas ao conceito territorial. Inclusive a discussão apresentada abarca distintas unidades de análise, de uma rua a um país ou conjunto de países, para além do urbano, evocando a inclusão do rural. Essas dimensões de territórios criativos poderiam ser representadas pelos tipos de capital social. De toda sorte, o capital social seria o principal, mas não exclusivo, elemento formador de territórios criativos, e sua manifestação diferiria de acordo com o nível territorial analisado. Neste sentido, observa-se com esta discussão que a autodeterminação de um território em prol do desenvolvimento de sua vocação ou conjunto de vocações criativas necessita ser estabelecida e coproduzida de forma *bottom-up*, partindo do que as comunidades querem, necessitam e valorizam a partir de diálogos com *stakeholders* como os governos, principalmente, locais e regionais, para impulsionar e preservar os seus ativos biosocioculturais. Este último requer políticas públicas sob ótica de uma democracia participativa. Mas, até que ponto as pessoas⁸² estão preparadas para ativarem positivamente seus tipos de capital social em prol do desenvolvimento de territórios criativos, principalmente, em lugares com elevadas vulnerabilidades e desigualdades?

No contexto das políticas públicas e da gestão social, a discussão empreendida neste artigo pode ser útil à elaboração e análise de projetos e planejamentos de novos territórios, inclusive rurais, cujo interesse principal esteja pautado pelo desenvolvimento a partir da criatividade. Neste sentido, laboratórios para inovação⁸³, podem ser uma forma colaborativa de se iniciar programas de inovação e renovação territorial fazendo uso de instrumentos como *placemaking*⁸⁴ para lidar com problemas de espaços, especialmente, públicos, bem como propiciar condições de reconhecimento e desenvolvimento de territórios criativos rurais.

⁷⁹ Lhermitte, Perrin e Blanc, 2015.

⁸⁰ <http://mapas.cultura.gov.br/>.

⁸¹ Penteado, Homma, Tori e Homma, 2020.

⁸² Comunidades, governos, mercados.

⁸³ Emmendoerfer, 2020.

⁸⁴ Richards e Duif, 2018; Emmendoerfer, 2023.

Por fim, vale destacar que esta proposição não é única e nem conclusiva, mas um ponto de partida para futuros estudos no campo, sendo passível, portanto, de novos avanços e contestações à produção de conhecimento no contexto da economia criativa em áreas, ou melhor, territórios rurais. Acredita-se que este trabalho pode provocar novos estudos e agendas de pesquisa, bem como de ensino e aprendizagem multi-inter-transdisciplinares, tanto para melhor compreensão, quanto para a articulação de ações para o desenvolvimento de territórios rurais criativos.

Agradecimentos

Ao fomento à pesquisa das agências: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Brasil (CNPq – Processos 312764/2022-7; 404193/2022-6; 420194/2022-3), à Fundação de Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG - Processos PPM-00049-18; AP-03073-21) e à Coordenação para o Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Ministério da Educação, Brasil (Processo 88887.692143/2022-00). Agradecemos adicionalmente os editores e revisores anônimos da revista Biblio3W que contribuíram com tom construtivo e sugestões de melhoria para o aperfeiçoamento e qualidade deste artigo.

Bibliografia

- ABRAMOVAY, Ricardo. O capital social dos territórios: repensando o desenvolvimento rural. *Economia Aplicada*, 2000, vol. 4, nº 2, p. 379-397.
- ABRAMOVAY, Ricardo. Para uma teoria dos estudos territoriais. In: MANZANAL, M; NEIMAN, G; LATTUADA, M. (Orgs.). *Desarrollo rural: organizaciones, instituciones y territorios*. Buenos Aires: Ediciones Ciccus. 2006, p. 51-70.
- ACCO, Marco. No limiar do novo: desafios para o financiamento da Economia Criativa no Brasil. In: LEITÃO, Cláudia; MACHADO, Ana F. (Orgs.). *Por um Brasil Criativo: significados, desafios e perspectivas da economia criativa brasileira*. Belo Horizonte: Código Editora; BDMG Cultural. 2016, p. 149-214.
- ASHTON, Mary Sandra G.; EMMENDOERFER, Magnus L.; EMMENDOERFER, Luana. Florianópolis/SC – cidade criativa da gastronomia. In: ASHTON, Mary Sandra G. (Org.). *Cidades criativas: vocação e desenvolvimento*. Nova Hamburgo: Feevale. 2018, p. 65-91. Disponível em: <https://www.feevale.br/Comum/midias/b8f7d75d-202c-48ab-9330-6b941321df51/E-BOOK%20Cidades%20Criativas.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2021.
- BIANCHINI, Franco; LANDRY, Charles. *The Creative City*. London: Demos. 1995.
- BRASIL. *Plano da secretaria da economia criativa: políticas, diretrizes e ações 2011 a 2014*. 2.ed. revisada. Brasília: Ministério da Cultura. 2011.
- DALLABRIDA, Valdir R. *Planejamento e gestão territorial: aportes teórico-metodológicos como referenciais no processo de desenvolvimento de municípios, regiões ou territórios*. Mafra, SC: UnC. 2020. DOI: <http://doi.org/10.5281/zenodo.4312932>
- DOWBOR, Ladislau. *O que é poder local*. Imperatriz, MA: Ética. 2016.
- DUXBURY, Nancy. Cultural and creative work in rural and remote areas: An emerging international conversation. *International Journal of Cultural Policy*, 2021, vol. 27, nº 6, p. 753-767.

- EMMENDOERFER, Magnus L.; MARTINS, Barbara C. L. Gestão de circo: um campo de atuação profissional (des)conhecido, *Tourism & Management Studies*, 2013, vol. 9, nº 2, p.118-123. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2182-84582013000200017&lng=es&nrm=is>. Acesso em: 28 jan.2021.
- EMMENDOERFER, Magnus L.; ASHTON, Mary Sandra Guerra. Territórios Criativos e suas Relações com o Turismo. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 2014, nº 21, p. 459-468. Disponível em: <<https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=3236314>>. Acesso em: 28 jan.2021.
- EMMENDOERFER, Magnus L.; FIORAVANTE, Alexandre S. A.; ARAÚJO, Joaquim F. F. E.; FRAGA, Brendow de Oliveira. Territórios Criativos como objeto de política de desenvolvimento do governo federal no Brasil: um sonho adiado, mais uma vez? In: EMMENDOERFER, Magnus L. (Org.). *Organizações Públicas, Inovações e Políticas de Desenvolvimento*. Viçosa, MG: IPPDS/UFV. 2017, p. 243-262. DOI: <http://doi.org/10.5281/zenodo.4237357>
- EMMENDOERFER, Magnus L.; FIORAVANTE, Alexandre S. A.; ARAÚJO, Joaquim F. F. E. Federal government actions for the creative territories development in Brazilian context. *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, 2018, vol 14, nº 1, p.400-424. Disponível em: <https://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/download/3497/654>. Acesso em: 28 jan.2021.
- EMMENDOERFER, Magnus L. Creative tourist regions as a basis for public policy. In: DUXBURY, Nancy; RICHARDS, Greg. (Eds.). *A Research Agenda for Creative Tourism*. Cheltenham, UK: Edward Elgar Publishing. 2019, p. 151-166.
- EMMENDOERFER, Magnus L. Movimento de laboratórios para inovação como locus de solidariedade democrática e de enfrentamento à pandemia COVID-19. *NAU Social*, 2020, vol 11, nº 21, p. 413-426.
- EMMENDOERFER, Magnus et al. Placemaking as a vector and development instrument in the post-pandemic context. In: *Development and its applications in scientific knowledge*. São José dos Pinhais: Seven Editora. 2023, Chapter 75, p. 1-21.
- EMMENDOERFER, Magnus L.; FIORAVANTE, Alexandre Sette Abrantes. Desafios para uma cidade ser criativa em uma sociedade (pós) pandêmica: um estudo sobre Ouro Preto (MG) Brasil. *Brazilian Creative Industries Journal*, 2021, vol. 1, nº 1, p. 194-219.
- FIORAVANTE, A. S. A.; EMMENDOERFER, M. L. Indústrias criativas: reflexões a luz da microeconomia. *Revista Gestão e Desenvolvimento*, 2019, vol.16, nº 2, p. 170–185. Disponível em: <https://doi.org/10.25112/rgd.v16i2.1835>. Acesso em: 28 jan.2021.
- FRANKE, Sandra. *Measurement of social capital: Reference document for public policy research, development, and evaluation*. PRI Project - Social Capital as a Public Policy Tool. Ottawa: Policy Research Initiative 2005. 2005.
- FURTADO, Celso. *O mito do desenvolvimento econômico*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1974.
- FURTADO, Celso. *Criatividade e dependência na civilização industrial*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1978.
- FURTADO, Celso. *Cultura e Desenvolvimento em época de crise*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1984.
- FURTADO, Celso. *O capitalismo global*. 7.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2008.

- GOMES, Eulália de Lima. *A valorização da cultura no novo rural mineiro: Piacatuba sob as lentes da economia criativa*. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural). Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, – Departamento de Economia Rural, 2015. 123 f.
- GROOTAERT, Christiaan; VAN BASTELAER, Thierry. *Understanding and measuring social capital: a synthesis of findings and recommendations from the social capital initiative*. Social Capital Initiative Working Paper. World Bank. 2001.
- HAESBAERT, Roberto. *O mito da desterritorialização: Do 'fim dos territórios' à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2004.
- HESSE, Markus; LANGE, Bastian. Paradoxes of the Creative City. Contested Territories and Creative Upgrading-the Case of Berlin, Germany. *DIE ERDE – Journal of the Geographical Society of Berlin*, 2013, vol. 143, nº 4, p. 351-371.
- KAGEYAMA, Ângela. *Desenvolvimento rural: conceitos e aplicação ao caso brasileiro*. Porto Alegre: Editora da UFRGS: Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. 2008.
- KÖCHE, José Carlos. *Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e prática da pesquisa*. 25.ed. Petrópolis: Vozes. 2008.
- LANDRY, Charles. *Origens e futuros da cidade criativa*. São Paulo: SESI-SP. 2013.
- LEITÃO, Cláudia; MACHADO, Ana F. (Orgs.) *Por um Brasil Criativo: significados, desafios e perspectivas da economia criativa brasileira*. Belo Horizonte: Código Editora; BDMG Cultural. 2016. 384p.
- LHERMITTE, Marc.; PERRIN, Bruno; BLANC, Solenne. *Cultural times: The first global map of cultural and creative industries*. Paris: EY. 2015. 119p. Disponível em: https://en.unesco.org/creativity/sites/creativity/files/cultural_times._the_first_global_map_of_cultural_and_creative_industries.pdf. Acesso em: 18 jan. 2021.
- LIMA, Jacob Carlos. A teoria do capital social na análise de políticas públicas. *Revista Política & Trabalho*, 2001, vol. 17, p. 46-63.
- LIN, Nan. *Social capital: A theory of social structure and action*. New York: Cambridge University Press. 2002.
- MENEGHETTI, Francis K. What is a theoretical essay? *Revista de Administração Contemporânea*, 2011, vol. 15, nº 2, p. 320-332.
- MIGUEZ, Paulo. Economia Criativa: uma discussão preliminar. In: NUSSBAUMER, Gisele Marchiori (Ed.). *Teorias e Políticas da Cultura: Visões Multidisciplinares*. Salvador: EDUFBA. 2007, p. 95-114.
- MULLER, Emmanuel; HÉRAUD, Jean-Alain; ZENKER, Andrea. Innovation, territories and creativity. In: BURGER-HELMCHEN, Thierry. (org.). *Economics of Creativity: Ideas, Firms and Markets*. New York: Routledge. 2013, p. 78-88.
- PASSEY, Andrew; LYONS, Mark. Nonprofits and Social Capital measurement through organizational surveys. *Nonprofit Management & Leadership*, 2006, vol. 16, nº 4, p. 481-495.
- PENTEADO, Claudio Luis C.; HOMMA, Luana H. G., TORI, Lucca A.; HOMMA, Jana T. G. Softwares livres e políticas culturais no Brasil: o caso do Mapa Cultural. *Políticas Culturais em Revista*, 2020, vol. 13, nº 1, p. 89-112.
- PRATT, Andy C. Creative cities: the cultural industries and the creative class, *Geografiska Annaler: Series B, Human Geography*, 2008, vol. 90, nº 2, p. 107–117.

- PUTNAM, Robert D. *Bowling alone: The collapse and revival of American community*. New York: Simon and schuster. 2000.
- PUTNAM, Robert D. *Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna*. 5.ed. Rio de Janeiro: FGV. 2006.
- PECQUEUR, Bernard. O desenvolvimento territorial: uma nova abordagem dos processos de desenvolvimento para os países do Sul. *Raízes*, 2005, vol. 24, nº 1-2, p.10–22.
- REIS, Ana Claudia Fonseca; URANI, André. Cidades Criativas - Perspectivas Brasileiras. In: REIS, Ana Claudia Fonseca; KAGEYAMA, Peter. (Eds.). *Cidades Criativas: Perspectivas*. São Paulo: Garimpo de Soluções. 2011, p.30-37.
- RICHARDS, Greg; DUIF, Lian. *Small cities with big Dreams: Creative placemaking and branding strategies*. Abingdon: Routledge. 2018.
- SANTOS, Fábio Franklin Storino. *Capital social: vários conceitos, um só problema*. (Mestrado em Administração Pública e Governo). Escola de Administração de Empresas de São Paulo. São Paulo :Fundação Getúlio Vargas, 2004.
- SCHNEIDER, Sérgio; TARTARUGA, Ivan G. Peyré. Território e abordagem territorial: das referências cognitivas aos aportes aplicados à análise dos processos sociais rurais. *Revista de Ciências Sociais e Econômicas*, 2004, vol. 23, nº 1, p. 99-116.
- SEPÚLVEDA, Sérgio S. *Metodología para estimar el nivel de desarrollo sostenible de territorios: biograma 2008*. San Jose: Ilica. 2008.
- UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. Creative Cities Network. *Mission statement*. 2017. [original launched in 2004]. Disponível em: https://en.unesco.org/creative-cities/sites/default/files/uccn_mission_statement_en.pdf
Acesso em: 27 ago. 2023.
- VEIGA, José E. *Cidades imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula*. Campinas: Autores Associados. 2002.
- WOOLCOCK, Michael. Social capital and economic development: Toward a theoretical synthesis and policy framework. *Theory and society*, 1998, vol. 27, nº 2, p. 151-208.
- YÚDICE, George. *Economia da Cultura no Marco da Proteção e Promoção da Diversidade Cultural*. Oficina Virtual de Economia da Cultura e Diversidade Seminário Internacional da Diversidade Cultural. Brasília: Ministério da Cultura. 2007.

© Copyright: Magnus Emmendoerfer, Gustavo Simao, 2022.

© Copyright: Biblio3W, 2022.

Ficha bibliográfica:

EMMENDOERFER Magnus, SIMAO Gustavo. Territórios, capital social e cidades criativas: noções e reflexões para áreas rurais. Biblio3W, Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de diciembre de 2022, vol. XXVII, nº 1348. [ISSN: 1138-9796].